

Ana Alves Costa (Porto, 1972).
Arquitecta pela Faculdade de
Arquitectura da Universidade do
Porto (FAUP) em 1996. Mestre em
Planeamento e Projecto do Ambiente
Urbano pela FAUP/FEUP em 2009.
Doutorada em Arquitectura pela
FAUP em 2016. Professora auxiliar
na FAUP (docente desde 2003).
Investigadora no Centro de
Estudos de Arquitectura e
Urbanismo (CEAU), no grupo
Arquitectura: Teoria, Projeto
e História, desde 2013.

O PROCESSO SAAL – O GRANDE PROJECTO DE HABITAÇÃO DEMOCRÁTICA EM PORTUGAL

Experiência urbanística e social única, as Operações SAAL tiveram início no pós-25 de Abril. Tratou-se de um processo de características ímpares, que resultou de uma longa luta e reflexão colectiva das populações, juntamente com equipas multidisciplinares que contaram com arquitectos como Álvaro Siza, Bartolomeu Costa Cabral, Gonçalo Byrne, Manuel Correia Fernandes, Manuel Vicente ou Raúl Hestnes Ferreira. *Cidade Participada: Arquitectura e Democracia* regista e documenta os processos das operações SAAL, traça o perfil das populações envolvidas e reflecte sobre a diversidade e as consequências desta imensa iniciativa arquitectónica e democrática.

«Um dia, no Diário de Lisboa acabado de chegar, vinha mais uma grande notícia: o secretário de Estado da Habitação, arquitecto Nuno Portas, anunciava um programa nacional para eliminar, através de equipas sob responsabilidade de arquitecto, os bairros de barracas improvisadas e insalubres que infestavam o país como única solução de alojamento para inúmeras famílias marginalizadas e sem alternativa. [...]

Jornal debaixo do braço e a caminho da Meia Praia, para dar a novidade aos índios da Meia Praia, desconhecidos com quem nunca tinha falado. Eram os dias do 25 de Abril, a revolução não podia esperar, tinha de chegar depressa, para muitos dos seus destinatários acreditarem e assim a consolidarem. No dia seguinte, segunda visita e a intervenção das mulheres, movidas pela esperança, ajudou a quebrar as autodefesas mentais de protecção contra promessas, e os índios da Meia Praia acreditaram e deram os primeiros passos. A novidade correu o Algarve e criou uma dinâmica própria que fez movimentar outras populações.»

— JOSÉ VELOSO

978-989-671-691-2



4

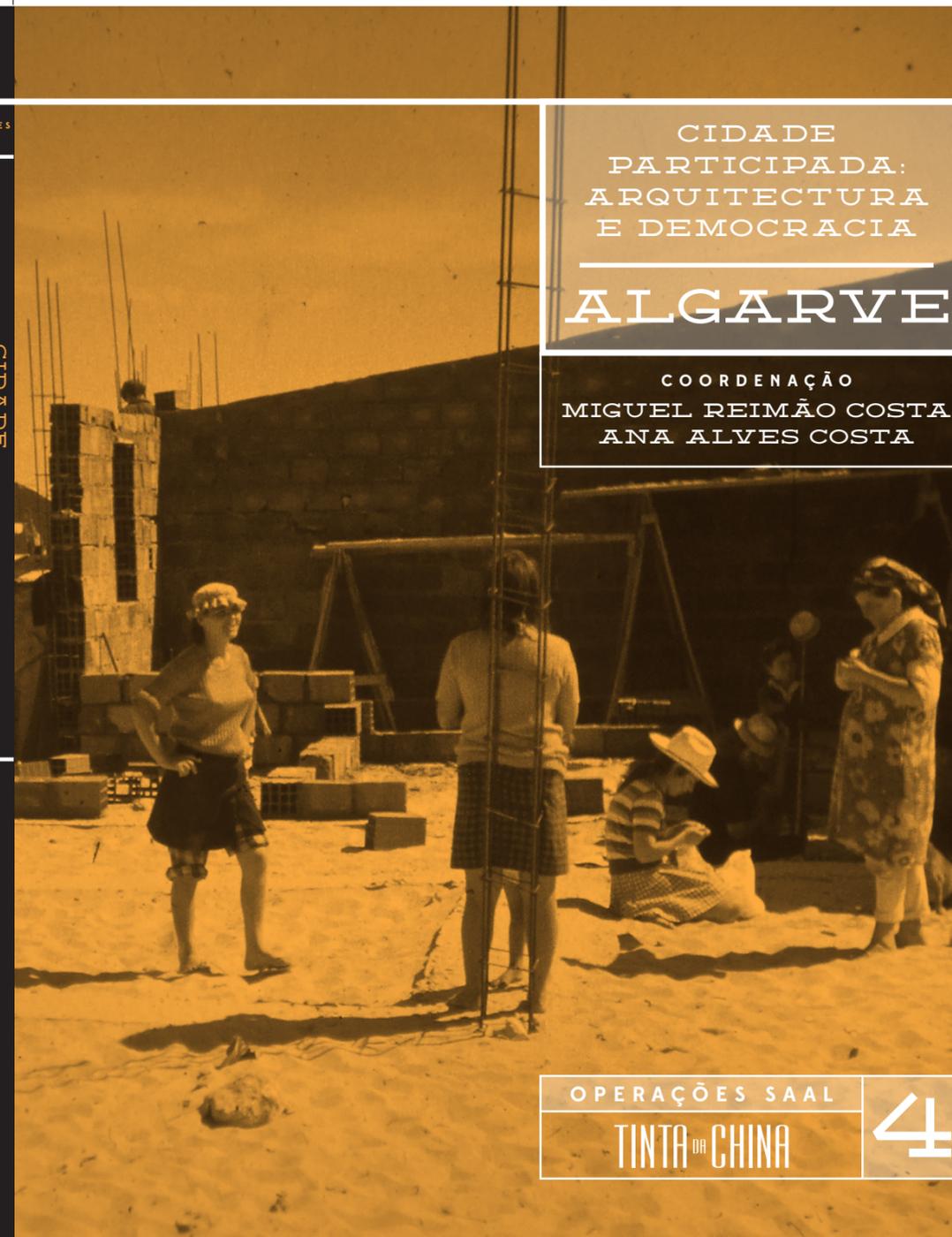
OPERAÇÕES
SAAL

CIDADE
PARTICIPADA:
ARQUITECTURA
E DEMOCRACIA

ALGARVE

COORDENAÇÃO
MIGUEL REIMÃO COSTA
ANA ALVES COSTA

TINTA
na
CHINA
edições



CIDADE
PARTICIPADA:
ARQUITECTURA
E DEMOCRACIA

ALGARVE

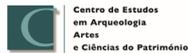
COORDENAÇÃO
MIGUEL REIMÃO COSTA
ANA ALVES COSTA

OPERAÇÕES SAAL

TINTA
na
CHINA

4

Miguel Reimão Costa (Faro, 1971).
Arquitecto pela Faculdade de
Arquitectura da Universidade
do Porto em 1995. Doutoramento
pela mesma faculdade em 2009.
Professor auxiliar na Universidade
do Algarve. Investigador do Centro
de Estudos em Arqueologia, Artes
e Ciências do Património (CEAACP)
com projectos de investigação no
âmbito da arquitectura popular em
Portugal e no Mediterrâneo.
Membro perito da Comissão
Científica Internacional para a
Arquitectura Vernácula
(Icomos-Ciav). Membro da Direcção
do Campo Arqueológico de Mértola.



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos UIDB/00145/2020 e UIDB/00281/2020.

CIDADE
PARTICIPADA:
ARQUITECTURA
E DEMOCRACIA

ALGARVE

COORDENAÇÃO
MIGUEL REIMÃO COSTA
ANA ALVES COSTA

OPERAÇÕES
SAAL

4

TINTA CHINA

LISBOA · MMXXII

Nesta edição, respeitou-se a opção ortográfica de cada autor.

© 2022, Autores e Edições tinta-da-china, Lda.
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 - E.10
1750-149 Lisboa - Portugal
Tels.: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: *Cidade Participada: Arquitectura e Democracia.*

Operações SAAL – Algarve.

Autores: AAVV

Coordenação: Miguel Reimão Costa, Ana Alves Costa

Créditos fotográficos:

Albano Pereira: 28, 53, 68, 73

António da Cunha Telles: 15-16, 120

Arquivo Alexandre Alves Costa: 4, 5, 8, 11-14, 67, 94, 96

Arquivo Associação 11 de Março de Olhão: 59-63

Arquivo Câmara Municipal de Vila Real de Santo António: 48

Arquivo João Dias: 1-2, 51-52, 71, 95

Arquivo João Moitinho: 17, 19, 31-37, 42-47, 55-58, 66, 77, 97, 100, 102-114

Arquivo José Veloso: 18, 40-41, 49-50, 69-70, 72, 74-76, 78-81, 83, 115-116

Arquivo José Maria Lopes da Costa: 9, 27, 29-30, 38-39, 54, 86-93, 98-99, 117

Arquivo Manuel Dias: 118-119

Arquivo Municipal António Rosa Mendes (C.M. Olhão): 85

Arquivo Sergio Fernandez: 3, 6

Associação José Afonso: 121

Centro de Documentação 25 de Abril, Universidade de Coimbra: 64-65, 101

João Abel Manta: 7

João Aguiar [et al.]: 20-26

Jorge Gigante: 10

Miguel Reimão Costa: 82, 84

Fotografia da capa: Meia Praia, Lagos. Arquivo Albano Pereira.

Conselho Editorial: Alexandre Alves Costa, Ana Alves Costa,

Ana Catarina Costa, Carlos Machado, Filipa de Castro Guerreiro, Luís Urbano,

Marta Oliveira, Miguel Reimão Costa, Ricardo Santos e Sergio Fernandez

Revisão: Tinta-da-china

Capa e composição: Tinta-da-china (P. Serpa)

1.ª edição: Julho de 2022

ISBN: 978-989-671-691-2

DEPÓSITO LEGAL n.º 414 373/21

ÍNDICE

- 7 *Apresentação da colecção*
9 *Preâmbulo*
Miguel Reimão Costa, Ana Alves Costa
- 10 A revolução com um grão de SAAL (1974-1976/1979)
Paulo Varela Gomes
- 24 Uma perigosa unidade
Alexandre Alves Costa
- 30 Mãos à obra. A autoconstrução e a identidade do processo SAAL no Algarve
Miguel Reimão Costa
- QUATRO BAIROS**
- 78 Bairro 25 de Abril na Meia Praia, Lagos
Vítor Ribeiro
- 90 Bairro da Associação Progresso, em Silves
Vítor Ribeiro
- 98 Bairro 11 de Março, em Olhão
Ana Alves Costa
- 108 Bairro 1.º de Maio, em Tavira
Miguel Reimão Costa
- DEPOIMENTOS**
- 120 O SAAL e a Revolução
José Baptista Alves
- 128 O SAAL no Algarve e os índios da Meia Praia
José Veloso
- 136 O bairro 11 de Março em Olhão
José Maria Lopes da Costa
- 142 O bairro 11 de Março e a autoconstrução
João Luís Correia
- 146 Quase meio século depois
Manuel Dias
- 154 Os corajosos índios da Meia Praia: saudades de uma pequena aventura
António da Cunha Telles
- 158 Depoimento sobre o filme *Continuar a Viver ou os Índios da Meia Praia*
José Afonso
- 161 *Notas*
172 *Bibliografia*

BAIRRO
11 DE MARÇO
EM OLHÃO

PROJETO DE JOSÉ
MARIA LOPES DA COSTA

ANA ALVES COSTA

Projeto coordenado por José Maria Lopes da Costa. A equipa de apoio local de Loulé (Centro) era constituída por Manuel Dias (*designer* projetista), José Manuel Brito (engenheiro), Leonel Fadigas (arquiteto paisagista), Francisco Soares (medidor-orçamentista), Afonso Pais (engenheiro), Henrique Mendonça (desenhador), Joaquim Loureiro (desenhador), José Sequeira, (desenhador), João Leonor (desenhador), bem como Maria da Conceição Ávila, Maria Benilde Barreiro, Glória Santana (equipa administrativa).

Constituída a Associação de Moradores do Bairro 11 de Março, em julho de 1975, dá-se início ao processo que permitiria concretizar esta operação SAAL que ainda hoje se mantém, genericamente, com o seu caráter original.¹

O terreno escolhido, localizado a poucas centenas de metros dos antigos estaleiros do porto de pesca de Olhão, era constituído por uma propriedade agrícola abandonada, com cerca de 26 mil metros quadrados, que mantinha algumas das suas estruturas originais, tais como a casa de quinta, um tanque e uma nora, património hidráulico que o projeto original procurará manter.

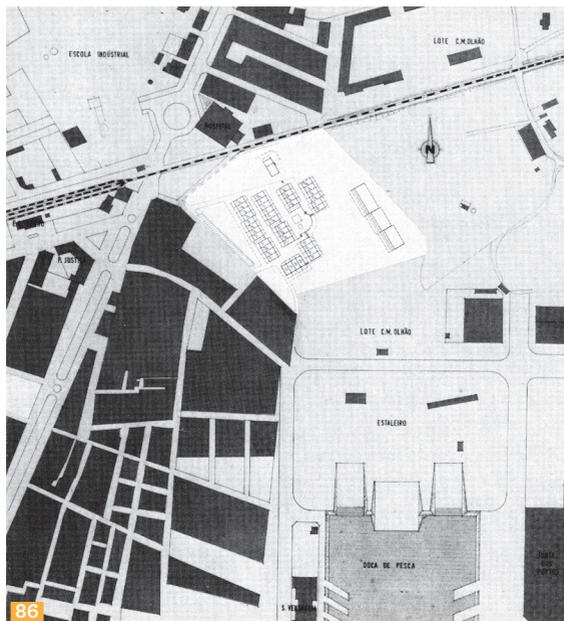
José Maria Lopes da Costa², numa interpretação erudita da arquitetura vernacular algarvia, projeta este bairro «onde as sucessões de pátios dos volumes em banda são enriquecidas com a interposição de outros volumes, com cobertura inclinada, gerando uma imagem de conjunto que se vai ancorar na reinterpretação das referências vernaculares, um filão que, na altura, ainda era muito marcante para um determinado arco geracional de arquitectos»³.

O terreno era limitado a norte pela linha férrea, a sul por terrenos pantanosos junto aos estaleiros do porto de pesca, a poente por uma zona de limitação da malha urbana de Olhão algo indefinida e, a nascente, por campos agrícolas, hoje ocupados por estruturas fabris conserveiras.

A implantação proposta, procura assim, de forma genérica, dar continuidade à malha urbana da vila de Olhão, nela se integrando em termos de escala, mas valorizando também a estrutura da quinta preexistente, cuja disposição geométrica dá origem ao desenho do traçado da composição do bairro adaptando-se à topografia do terreno.

A proposta de implantação dos edifícios «em banda» que constituem o bairro sofreu ao longo do processo algumas alterações, existindo, assim, diferentes configurações em planta. De uma solução inicial, de desenho mais simples, onde se propunham apenas duas bandas de habitações paralelas entre si e afastadas pela rua resultante do seu distanciamento, outras soluções, mais complexas e diversificadas, vieram a ser desenvolvidas e implantadas.

A construção do bairro começa apenas quatro meses depois do início do processo, embora o projeto tenha sido desenvolvido desde a escala de conjunto até ao pormenor construtivo.

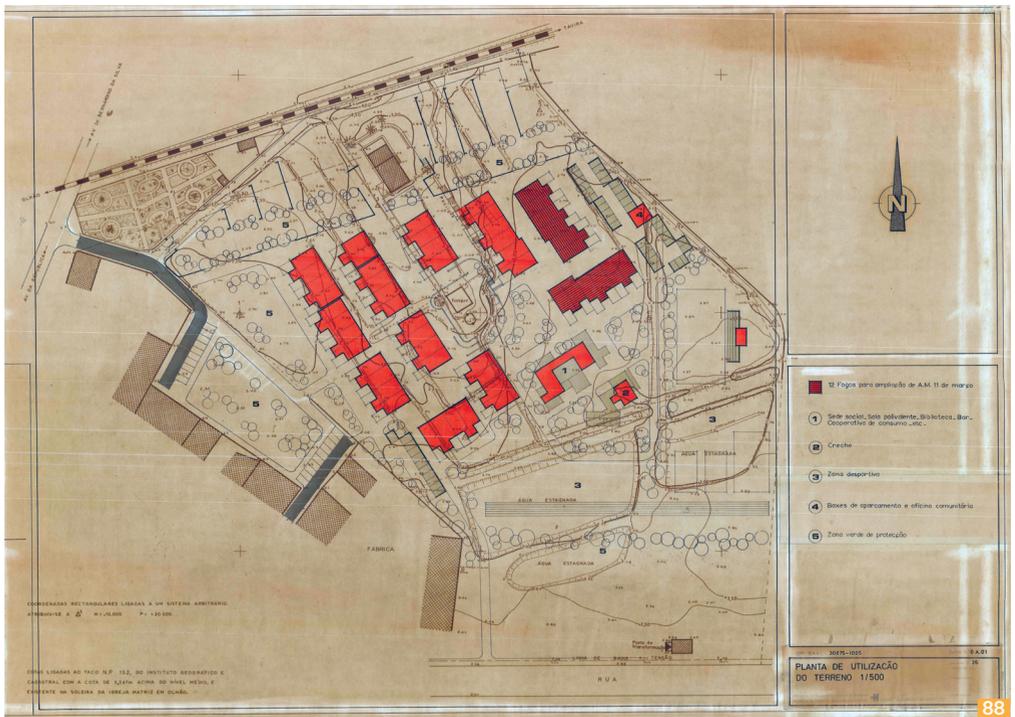
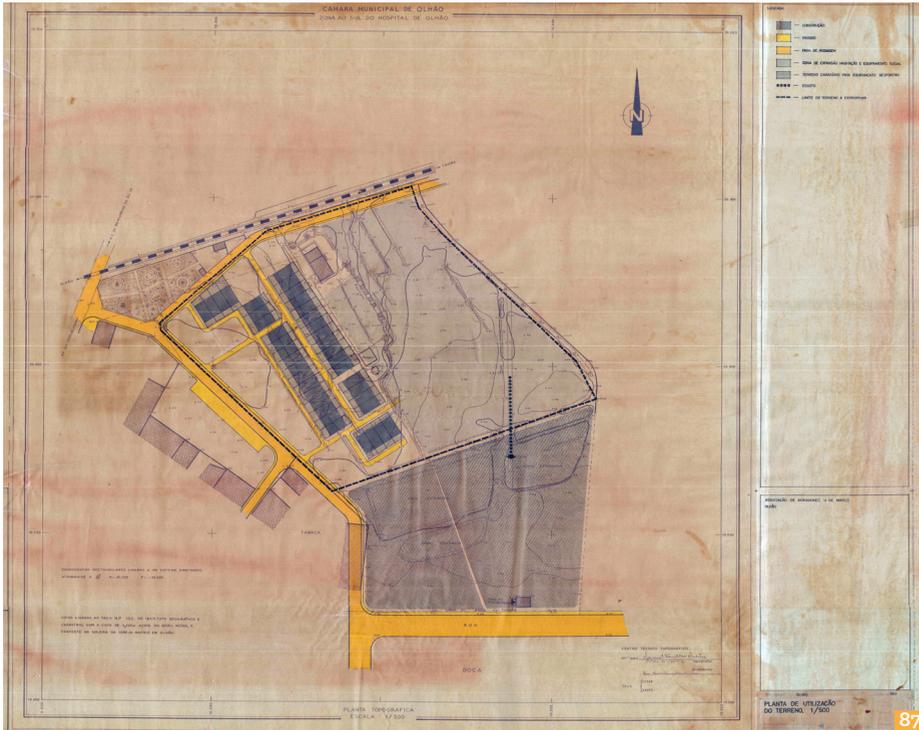


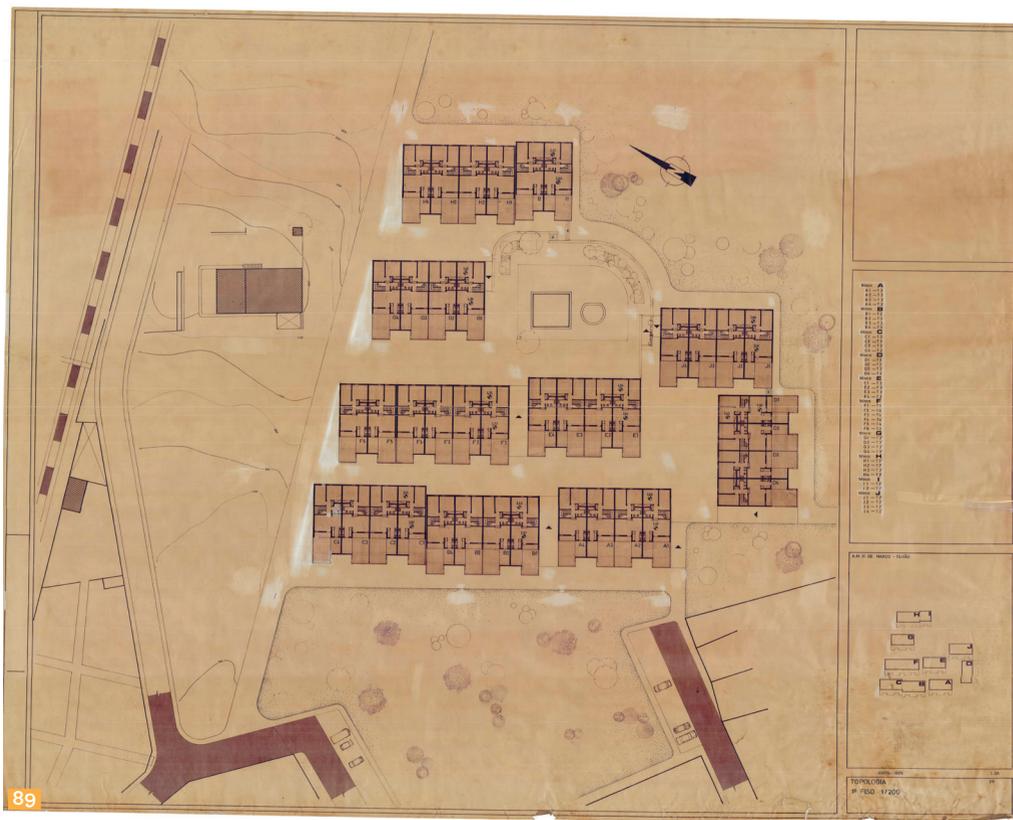
A proposta mantém genericamente os princípios inicialmente enunciados. As 40 habitações construídas foram distribuídas em oito bandas implantadas formando ruas entre si e, também, dois pequenos largos ou praças, de caráter quase sempre pedonal. A escolha da localização do largo com maior dimensão permitia manter as referidas estruturas hidráulicas da quinta. A circulação automóvel seria feita, preferencialmente, pelas vias de limite exterior do bairro, onde também se localizavam «boxes para estacionamento» e uma «oficina». Outros equipamentos coletivos estavam previstos no projeto, embora não tenham sido concretizados, tais como uma «creche» e uma «sede social» com «sala polivalente, biblioteca, bar, cooperativa de consumo, etc.». O plano previa ainda zonas verdes «de protecção» e áreas reservadas ao desporto, que, juntamente com os restantes espaços coletivos, fomentavam, de forma intencional, esta vertente.

Nas bandas, maioritariamente paralelas entre si, as habitações são orientadas no sentido poente/nascente, existindo um forte contraste entre as pequenas aberturas para a rua, a poente, que garantem a privacidade da parte íntima do fogo, com o lado nascente para onde se abrem pátios que proporcionam uma relação mais direta com o espaço público.

85 A parcela do bairro 11 de Março no Ortofotomapa de 1972. 86 Bairro 11 de Março. Implantação.

87 Bairro 11 de Março. Versão preliminar. 88 Projeto de Utilização do Terreno.





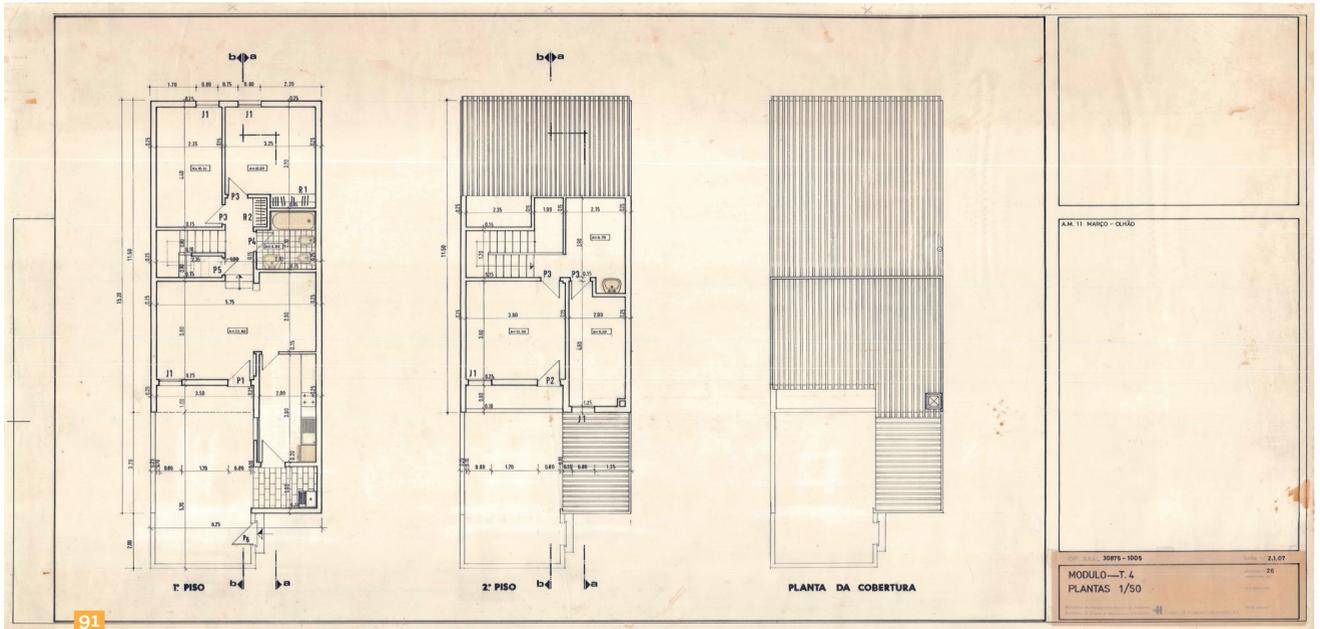
Na organização dos fogos, as tipologias propostas variam entre o T2 e o T4, de acordo com o número de elementos do agregado familiar, havendo sempre a possibilidade da sua ampliação em fase posterior. Todas as habitações são constituídas por dois pisos, sendo o piso térreo muito semelhante, independentemente do número de quartos. A entrada na habitação é feita ao nível do piso térreo por um pátio com zona coberta para tratamento de roupa (tanque) ou outros serviços, permitindo, assim, uma gradual transição entre o espaço público e o privado e entre o exterior e o interior da casa. Este piso é dividido em duas partes pela zona da caixa de escadas e por um quarto de banho comum. Do lado do pátio ou logradouro, junto da rua, desenvolvem-se as zonas de uso comum da casa, a sala de estar, de comer e cozinha; do lado oposto, na zona íntima, organizam-se dois quartos. No piso superior, localizam-se um ou dois quartos, ou pátios e varandas, de acordo com cada tipologia.

Estas variações entre cheios e vazios, quartos e pátios, permitem

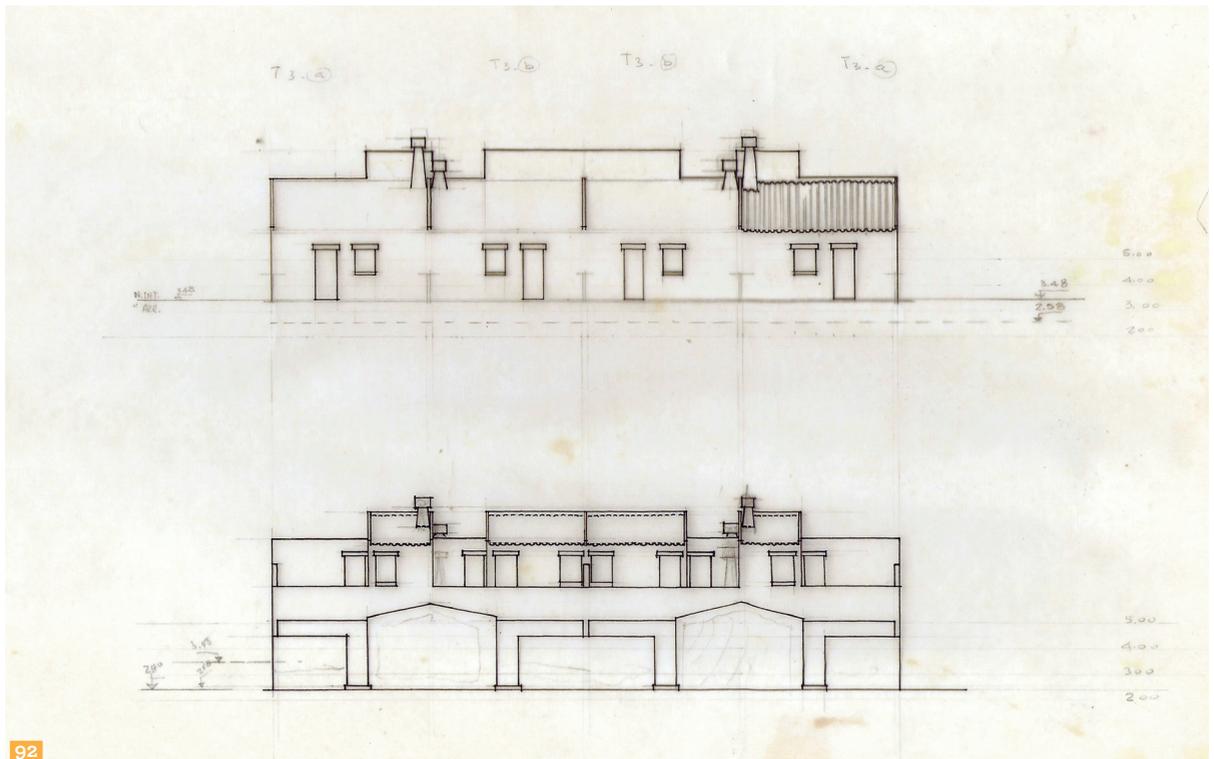


ou proporcionam uma volumetria diversificada e dinâmica, remetendo para as construções vernaculares da região. As formas puras e simples, os terraços ou pátios em diversos níveis, pontuados por chaminés proeminentes, e as pequenas aberturas nos planos de parede branca transportam-nos, com naturalidade, para uma sensação de plena integração num lugar que nos é comum, em diálogo com o sítio, com a sua escala e com a forma de vida das pessoas.

Estas pessoas, intervenientes imprescindíveis e participantes em todo o processo, parecem continuar, até hoje, o processo de autoconstrução que caracteriza as operações SAAL desenvolvidas no Algarve, acrescentando, de tempos em tempos, por imaginação ou por necessidade de adaptação a diversas circunstâncias, alterações ao projeto original que, no seu conjunto, não lhe retiram o caráter, antes lhe conferem alguma originalidade.

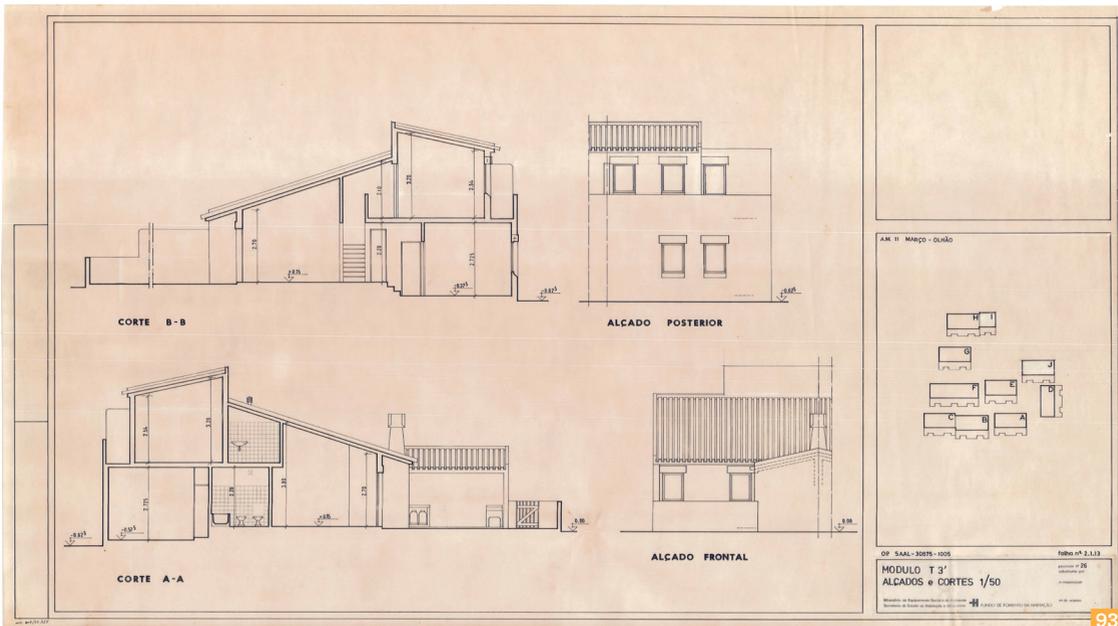


91



92

91 Habitação evolutiva, plantas dos fogos T2 e T4. 92 Estudo de alçados.



93



94

93 Habitação evolutiva, cortes e alçados. 94 Visita à obra pelos colegas do Porto.



95



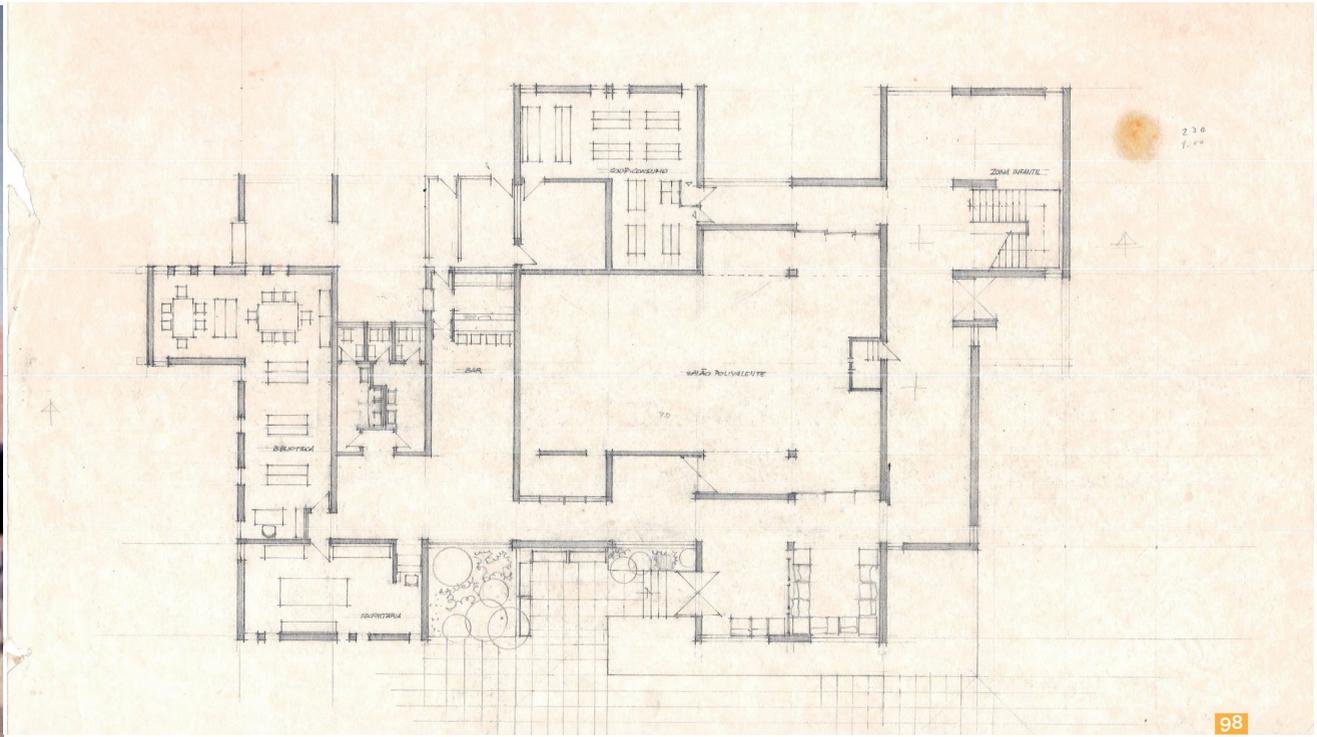
96



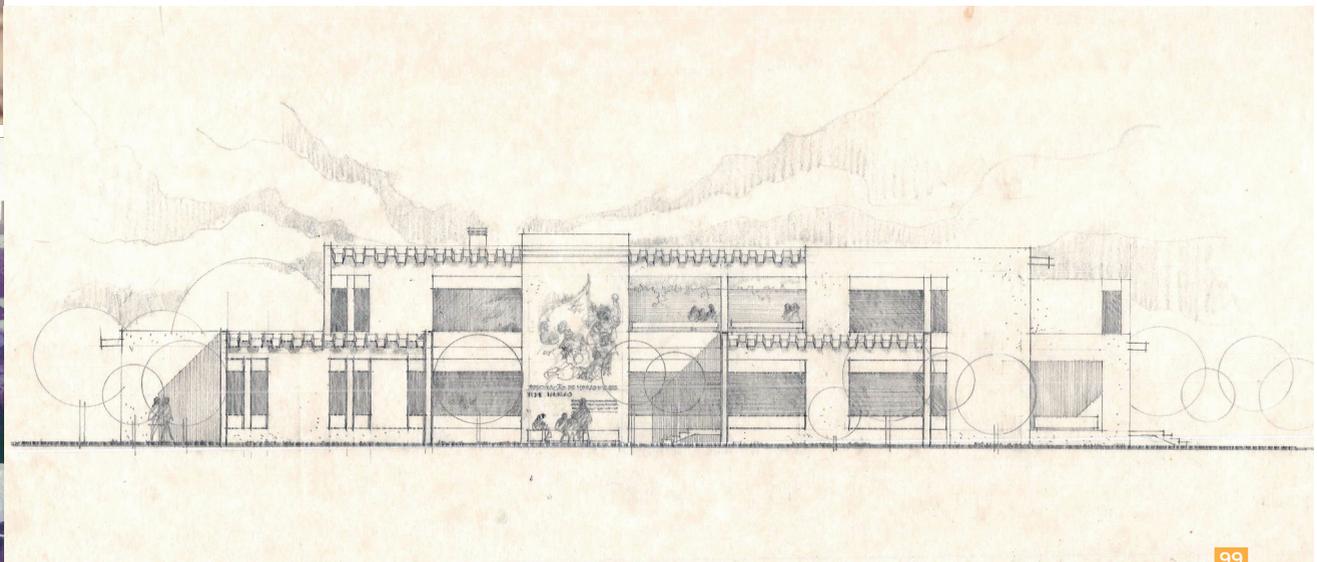
97

95 O bairro em construção. 96 Visita à obra pelos colegas do Porto.

97 O bairros em construção, as antigas fábricas e a doca.



98



99

98-99 Equipamento coletivo, planta do piso térreo e alçado norte.

Os coordenadores deste volume agradecem a Ana Paula Carvalho, João Luís Correia, José Maria Lopes da Costa, João Dias, Manuel Dias, Luísa Ricardo, António da Cunha Telles, José Veloso e Miguel Veloso a colaboração indispensável para a preparação deste artigo e deste volume, bem como a todos os membros das associações de moradores que se disponibilizaram para partilhar a sua experiência, designadamente: Cesaltina Maria Ramos (Aljezur), Joaquim Reis Nunes (Burgau), Glória Reis (Espiche), José Silva (Bensafrim), Romeu Amado Batista (Cerca do Cemitério, Lagos), João Romão Fernandes e Isabel Fernandes (Apeadeiro, Meia Praia), Amândio da Conceição Pedro (Alvor), José Manuel de Oliveira Nicolau (Progresso, Portimão), Fernando José Correia Filipe (Estômbar), Herculano Silva (Silves), António José Martins (Enxerim), Hélder Silvestre (Albufeira), Alfredo Camelo (Quarteira), Luciano Batista e Adelina Candeias (Tavira), Manuela Basílio (Cabanas), Virgílio Catarino (Monte Gordo), Narciso Lopes e Maria Júlia Guerreiro (VRSA). O presente trabalho permitiu recolher uma extensa informação junto de associações de moradores e membros das equipas técnicas que aceitaram doar essa documentação ao Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra.

CIDADE
PARTICIPADA:
ARQUITECTURA
E DEMOCRACIA

OPERAÇÕES SAAL
ALGARVE

foi composto em caracteres
ArcherPro, EdmondSans e Deming,
impresso na Rainho & Neves,
em papel Munken Lynx de 120 gramas,
em Junho de 2022.